

Vai um prazer aí?

Desde civilizações antigas até hoje, a droga sempre esteve presente na vida dos homens de alguma maneira. As plantas psicoativas como o ópio, a coca e a maconha, têm sido bastante utilizadas em atividades religiosas, culturais, sociais e estratégico-militares, entre outros.

ALBERTO JOÃO, ANDRÉ ARRAES, EDUARDO GOMES E RODRIGO BENCHIMOL

O homem, no intuito de obter prazer – para se entreter ou “fugir” da realidade –, curar-se de uma doença ou entrar em contato com supostas divindades, faz uso de drogas. Religião, medicina, sociabilidade e vício são os principais motivos pelos quais as pessoas usam drogas – lícitas ou ilícitas. Porém, se o prazer ao consumi-la não existisse, o sucesso não seria tão grande a ponto de movimentar bilhões de dólares no mundo inteiro. Segundo a Organização Mundial de Saúde, droga é toda substância que, após ingerida, pode modificar uma ou mais funções do indivíduo.

Alguns países como Portugal e Holanda adotaram uma postura de liberação do consumo de algumas drogas como a maconha e o haxixe. Outro tipo de política de combate às drogas, como a dos Estados Unidos, considera o usuário um criminoso.

Drogas: fatores psicológicos e medicinais

Os efeitos que as drogas podem



Wanna Hit?

causar no organismo do ser humano e os motivos pelos quais as pessoas se tornam dependentes delas são amplamente conhecidos. Algumas drogas, ao contrário da visão negativa que a sociedade estabeleceu, servem como medicamentos preventivos e auxiliares no tratamento de alguns tipos de doenças. A maconha, por exemplo, é usada como medicamento para abrir o apetite em pacientes com AIDS e a heroína é utilizada como anestésico em pacientes com câncer.

Mas o fato das drogas proporcionarem algum tipo de prazer também traz riscos, que podem ser de ordem legal, social ou – o mais temido – a dependência física e psicológica. “Como não

tinha afeição por nada, resolvi seguir o caminho da cocaína, vivendo um amor intenso. Mas hoje, graças a Deus, encontrei o carinho de algumas pessoas e consegui sair dessa vida”, explica Marcelo Fernandes, 23 anos, ex-usuário de cocaína. Contudo, uma das grandes dificuldades do tratamento contra as drogas são as crises de abstinência e, conseqüentemente, as chamadas recaídas.

Na edição de primeiro de outubro de 2001 da revista Journal of Neuroscience, um artigo traz os depoimentos dos especialistas Kent C. Berridge e Cindy L. Wyvell, da Universidade de Michigan, nos EUA. Em seus estudos eles acreditam terem encontrado uma explicação para recaídas contínuas de dependentes. Eles afirmam ser esse processo uma alteração química cerebral chamada “sensibilização”.

A sensibilização provoca aumento duradouro nos níveis cerebrais de dopamina, que é associada à “resposta agradável” do uso de drogas. Os especialistas sugeriram que a sensibilização



provoca uma necessidade excessiva, mesmo depois que a droga já tenha saído do sistema do usuário. Em pessoas sensibilizadas, um fator externo particularmente associado ao uso – como um som, por exemplo – pode provocar uma recaída. Estes fatores ambientais podem incluir o som de cubos de gelo, no caso de alcoólatras, ou o som de um isqueiro ao ser aceso, no caso de um fumante, explicou Berridge. Para que os usuários dependentes de drogas se recuperem, muitos grupos de ajuda foram criados. São os casos dos Narcóticos Anônimos (NA) e dos Alcoólicos Anônimos (AA), que abriram centros de debates para reabilitar pessoas que reconheceram a

necessidade de um tratamento para as dependências que têm.

Devido à preservação do anonimato e, em função disto, ao fato de não haver registros de comparecimento nas reuniões, é impossível estimar o percentual daqueles que vêm para o NA e atingem um longo tempo de abstinência. O único indicador claro do sucesso do programa é o crescimento rápido do número de reuniões registradas em décadas recentes e o rápido avanço desses grupos fora da América do Norte, onde primeiro apareceram. Em 1978, existiam menos de 200 grupos registrados em três países. Em 1983, mais de uma dúzia de países tinham um total de 2.966 reuniões. Em 1994, havia conhe-

cimento de 1.982 reuniões semanais em grupos de Narcóticos Anônimos em 77 países.

Para a psicóloga Regina Célia, falta uma visão crítica sobre a questão do tratamento contra as drogas. Segundo ela, “o tratamento aqui no Brasil e em outros países é muito baseado em autoajuda. Com isso, abrimos espaço para o ex-usuário que dá seu testemunho e ajuda os outros a se livrarem do vício”.

Para a grande maioria dos médicos, o uso de drogas está ligado a questões de problemas financeiros e familiares. Quem vê nas drogas um antídoto para o sofrimento, não sabe explicar ao certo se o prazer é regular e se continua por um longo tempo. “É difícil explicar

o relacionamento com as drogas. Vivo bem e quando eu desejo vou lá e fumo. Na hora nem quero saber se faz bem ou mal. O importante é curtir o tempo, mesmo que dure pouco”, afirma o menor T.M., usuário de maconha.

Segundo a neurocientista Suzana Herculano Houzel, os fortes componentes químicos das drogas estimulam sistemas internos de recompensão muito além de seu ponto de equilíbrio. O problema, segundo ela, é que pessoas viciadas continuam buscando a sensação que tiveram da primeira vez em que consumiram a droga. E esta sensação nunca mais será recobrada.

No malmente, os jovens que iniciam o uso de substâncias tóxicas não dispõem de informações adequadas sobre o assunto.



O problema é que pessoas viciadas continuam buscando a sensação que tiveram da primeira vez em que consumiram a droga

Às vezes na busca de um prazer ilusório e passageiro ou, em regra, em busca de uma autoafirmação dentro do grupo a que pertencem, acabam condicionados ao vício, vítimas da dependência física e psicológica. Na grande maioria das vezes, a dependência leva o viciado a cometer atos de extrema gravi-

dade contra si, seus familiares e outras pessoas, principalmente quando em busca de dinheiro para suprir o vício.

Há ainda outro caso de vício. Aquele causado por substâncias incontroláveis, irreprimíveis e que não se pode confiscar. Como a dependência gerada pelas drogas lícitas e ilícitas, a “outra” dependência também leva aqueles que aprisiona a cometer qualquer loucura.

Subir uma favela, para combater traficantes, ou pular de pára-quedas são atos que, para serem realizados, exigem uma alteração química do organismo. E, se na hora de se lançar de um avião em movimento faltar estimulante, não é preciso correr até à farmácia. O próprio corpo dá conta de produzir o estimulante. **E**



Imagem Rastafari

ligião Rastafari, que vê na erva o “fumo da sabedoria”. Líderes “rastas” determinaram que ela fosse fumada em rituais religiosos – alegando que a erva fora achada crescendo na cova do Rei Salomão –, enquanto se recitam passagens bíblicas. Alguns “rastas” optam por não fumar maconha. No entanto, muitos sustentam o uso por meio da passagem citada em Gênesis 1:29: “E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento”.

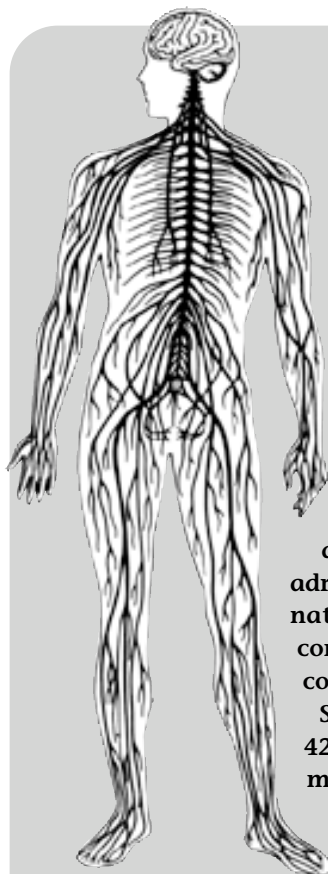
Drogas e religião

Na Jamaica, apesar de ser considerada uma droga ilícita segundo a legislação, a maconha não sofre nenhum tipo de repressão por parte das autoridades. Isso porque a maioria de seus usuários pertence à re-

O caso do movimento religioso do Santo Daime, que começou no interior da floresta amazônica, nas primeiras décadas do século XX, é parecido. É a partir da bebida Ayahuasca (vinho das almas) – que é obtida pela cocção de duas plantas: o cipó Jagube (banisteriopsis caapi) e a folha Rainha (psicotrya viridis) ambas nativas da floresta tropical – que todos os princípios desse movimento são conduzidos. A poção tem propriedades enteômanas, isto é, produz uma expansão da consciência, que, de acordo com o Santo Daime, promove o contato com a divindade interior do homem. Entretanto, a bebida não é considerada droga pela legislação brasileira. Logo, a religião não sofre represálias judiciais ou qualquer tipo de proibição.



Representação da Ayahuasca



As drogas “naturais”

ANA PAULA SANTOS FABRIANI E BRUNO DE LUCA

Quando levamos um susto ou praticamos um esporte radical, milhares de moléculas de adrenalina são liberadas em nossa corrente sanguínea. O nosso organismo, então, fica “turbinado”, pronto para enfrentar uma situação de perigo ou alerta. A adrenalina é um estimulante natural. Funciona tanto como um hormônio, quanto como um neurotransmissor.

Silvio Mendes Santos, de 42 anos, contrariou a família e se tornou cabo da Polícia Militar aos 19 anos. “Até quando... só Deus sabe!”, brinca.

Em plena juventude, quando sonhos dividem espaço com medos e anseios, Silvio não teve dúvida: queria ser policial. Hoje, 23 anos depois, ele coleciona pelo corpo marcas de tiros que levou em serviço. Fala delas com tranqüilidade. “Assim que você leva o tiro da pistola, não sente dor na hora. Depois que esfria, que a adrenalina vai baixando, você sente arder”, relata.

Aumento do metabolismo, vasoconstricção cardíaca, aumento dos batimentos e do fluxo sanguíneo nos músculos, dilatação das artérias periféricas, broncodilatação – para melhorar a respiração, que se torna mais curta e rápida –, dilatação pupilar – para aumentar a área de visibilidade –, aumento da sudorese – para dissipar o calor acumulado no organismo. Sozinha, a adrenalina é responsável por essa lista de efeitos.

Para alguns, a vida seria muito monótona sem o estresse e a dose de adrenalina que ele libera no organismo. Muitos acreditam que um pouco de emoção e desafio são necessários para que as pessoas se sintam mais estimuladas a vencer os obstáculos do cotidiano.

Como todo viciado, o policial Silvio passou por

maus momentos, mas nunca desistiu. O pior período foi durante os nove anos em que trabalhou no Batalhão de Operações Especiais (BOPE), logo no início da carreira. Um episódio, em especial, foi marcante: uma invasão do BOPE ao Morro da Providência, em 1995. Ele e mais oito colegas se viram encurralados numa igreja no alto do morro, enquanto os bandidos os aterrorizavam. Eles queriam levar três feridos ao hospital, mas foram impedidos pelo bando, que atirava na direção deles e gritava: “Vai morrer!”. Por fim, os bandidos acabaram morrendo assassinados pelos próprios comparsas.

Mesmo assim, para Silvio, medo só existe em dias de folga. “Medo todo mundo tem, mas no trabalho, você tem que aprender a controlar o seu medo. Nos dias livres, o medo de ser reconhecido como policial é constante. Principalmente porque hoje os bandidos não hesitam em matar toda a nossa família. Esse tipo de assassinato serve para alimentar a vaidade dos criminosos, que se vangloriam com o maior número de execuções em seus ‘currículos’”, conta o policial que, apesar disso tudo, não mudaria de profissão.

Paixão pelo trabalho é muito bom. Mas não se pode esquecer que o “estresse positivo” deve ser controlado tanto quanto o negativo. Quando um indivíduo começa a sofrer muita pressão no dia a dia, o resultado pode ser pavoroso. Em vez de estímulo, o estresse provoca queda de produção no trabalho, mal estar físico e muitas outras consequências nocivas. Cada pessoa tem um limite para o estresse. A mesma situação pode causar reações diferentes nos indivíduos. Por isso, antes de mais nada, é preciso detectar as situações que desencadeiam um alto nível de estresse e, a partir de então, evitá-las.

